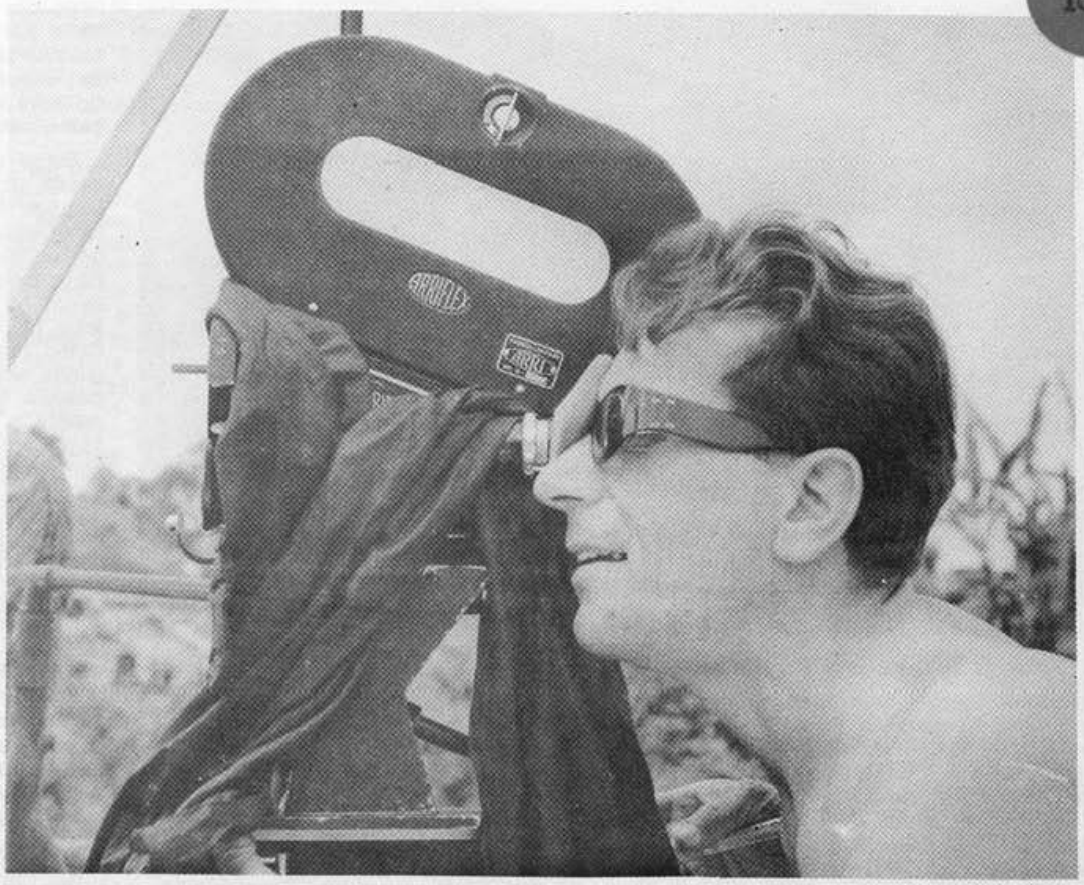
ap
1035



A. CARVALHAES

CARLOS COIMBRA

As virtudes da modéstia

Carlos Coimbra: a modéstia e a competência, uma carreira de 18 anos, com 11 filmes, que começa com **Armas da Vingança,** filmado no interior de São Paulo quase amadoristicamente e chega a **Independência ou Morte,** uma complexa superprodução, cujos resultados reconciliam o público brasileiro com o seu cinema.

Entre o drama rural de 1955 e a evocação histórica de 1972, vários prêmios importantes, críticas elogiosas nos jornais e a recompensa que, no fundo, todo artista persegue: o comparecimento maciço do público.

A modéstia do homem e a competência do cineasta foram moldadas na constatação de que uma carreira artística não se faz só de sucessos, mas também de fracassos, que ensinam muito. E Coimbra os teve, ao lado dos êxitos.

Se **Crepúsculo de Ódios** (1959), seu terceiro filme, foi um fracasso, ele agora sabe que a improvisação e o despreparo de muitos dos nossos produtores de primeira viagem levam inevitavelmente a isto. Se **A Madona de Cedro** (1968) e **Se Meu Dólar Falasse** (1970), produções bem cuidadas de uma empresa organizada, renovaram esses dissabores, Coimbra aprendeu que o público é caprichoso, não aceitando em determinado momento um espetáculo que tinha tudo para agradar e que não "pegou" sem explicação lógica.

Essa modéstia (que em seus heróis aventureiros se transforma em humildade) e essa competência (que leva seus personagens à determinação da ação) estiveram também a serviço de obras alheias como roteirista (**Padroeira do Brasil,** de Heládio Fagundes e **Bruma Seca,** de Mario Civelli) e como montador (filmes de Walter Hugo Khouri, Anselmo Duarte, Civelli, Fernando de Barros, Oswaldo Sampaio, Durval Garcia, Konstantin Tkaczenko e Richard Cunha).

Uma colaboração dedicada a obras importantes, como **O Pagador de Promessas** (Duarte) e **A Marcha** (Sampaio), ou empenhadas, como **Ana Terra** (Garcia) e **Fronteiras do Inferno** (Khouri), que foram cortadas e editadas por ele, segundo seu método de não ficar preso às regras, deixando que o tempo de uma tomada, a duração de um gesto ou um olhar, sejam ditados pela sua sensibilidade.

O cinema era o destino de Jaime Coimbra Júnior, aquele cantor e radioator que, entre 1945 e 49, dava seus primeiros passos artísticos nos estúdios da Rádio Educadora de Campinas, sua cidade natal.

Armas da Vingança: **Luigi Picchi e Aurora Duarte.**

É ainda como radialista que, em 1950 vai para a Tamoio do Rio de Janeiro, ampliando seus horizontes e suas habilidades: além de cantor e radioator, é também diretor de programas e assistente de direção (as mesmas funções que mantém quando, entre 1952 e 55, fica na Tupi). Mas, é no rápido período (1949-50) que passa na Rádio Guanabara, que Coimbra começa a se entusiasmar por cinema: produz e apresenta o programa "Telas em Revista".

"Telas em Revista" nada mais é que a transposição radiofônica de uma experiência pessoal: a de fã, a de maníaco por cinema. Aquele fã adolescente que, juntamente com outros moços da cidade do interior, não conseguia reprimir a vontade de assistir aos filmes lançados em São Paulo, que mais tarde (ou talvez nunca) iriam a Campinas. Sábado e domingo, esperançosos de fazer um bom programa, pegavam o trem e rumavam para os cinemas da capital. A longa viagem de volta à província não era tão longa assim: vinha povoada de sonhos, recheada de debates em torno deste ou aquele artista, esta ou aquela fita.

Dioguinho: **Hélio Souto e Norma Monteiro.**

O programa de cinema no rádio carioca nasceu destas lembranças. E mais: tinha um esquema de cineclube. Os entrevistados eram recebidos numa hipotética "sala de visitas", de onde saía o apresentador para se dirigir à "sala de montagem" ou outra "dependência" qualquer do clube, onde dava prosseguimento às várias sessões do programa.

Uma vez, atendendo a um anúncio de jornal pedindo empregado para escritório, veio a constatar que neste se armava a produção de um filme, **Luzes nas Sombras.** O argumento, o roteiro e a direção estavam confiados a um conhecido crítico de São Paulo, Carlos Ortiz, autor de obras didáticas sobre técnica cinematográfica ("Cartilha do Cinema", "A Montagem na Arte do Filme", "O Argumento Cinematográfico e sua Técnica", todas editadas nos anos 50). Coimbra fez-se assistente de Ortiz e, depois, do montador Hélio Barroso Neto.

Era a primeira vez que Coimbra via dirigirem um filme, assim como era o seu ingresso numa verdadeira sala de montagem. E aqui foi o espectador de uma experiência insólita, praticada por Hélio Barroso: sonorizar o filme com discos, gravando também os diálogos do rolo inteiro, sem repartir em anéis. Evidentemente, um método por demais pessoal e de resultados tão discutíveis, para ser tentado por alguém mais.

Anos mais tarde, chamado de volta a São Paulo para escrever o roteiro de um filme (**Armas da Vingança**), acabou por dirigi-lo. Um filme de orçamento modesto, onde poucos faziam praticamente tudo. Uma história convencional, mas que funcionou. E tanto foi assim que arrebatou cinco prêmios Saci, na época (1955) os mais importantes.

Sua habilidade de roteirista foi pela segunda vez testada ao dar forma cinematográfica a um argumento de uma futura escritora de renome, chamada Lígia Fagundes Teles. O filme, dirigido (em 1956) por seu irmão, Heládio Fagundes, chamou-se alternativamente **Cavalgada da Esperança** e **Padroeira do Brasil.** Coimbra montou-o — seu primeiro trabalho neste campo.

Surge com **Dioguinho** (1957) sua segunda chance de dirigir. História de um bandido de verdade, que assolou o interior paulista, escrita por um delegado de polícia, **Dioguinho** foi o primeiro longa-metragem em Eastmancolor "rodado" no Brasil. Foi também o segundo filme de aventuras que Coimbra dirigiu. Como também de aventuras seriam os filmes seguintes da sua carreira: **Crepúsculo de Ódios** (1959), **A Morte Comanda o Cangaço** (sua verdadeira consagração, em 1960 e ainda hoje um bom exemplo do poder de criação de Coimbra) e novamente o sertão nordestino com **Lampião, Rei do Cangaço** (1963), ponto de partida de sua estreita colaboração com o produtor Oswaldo Massaini, a quem permanece ligado até hoje.

Era um nome consagrado no filme de aventuras, era o especialista num gênero. Então, por que mudar? Para enfrentar um desafio: e assim veio a primeira comédia da sua filmografia, **O Santo Milagroso** (1965), servido pelo argumento inteligente do comediógrafo paulista Lauro César Muniz. E em todas as fitas era também o montador.

Em 1967 e 1969, duas voltas ao terreno familiar da aventura, com **Cangaceiros de Lampião** e **Corisco, o Diabo Louro.** Exatamente entre um e outro o sonho (frustrado) de uma ambiciosa superprodução: **A Madona de Cedro.**

Depois, outra comédia (e outro fracasso): **Se Meu Dólar Falasse.** E dois anos mais tarde, **Independência ou Morte,** o filme que parecia impossível. Com este, cai por terra a imagem de um "John Ford caboclo" — mesmo porque até John Ford foi da aventura para as páginas da História.

Os filmes, um a um — o Diretor

1955: **Armas da Vingança** — Produção: Cinematográfica Inconfidência (SP). Produtor: José Antônio Orsini. Argumento: Alberto Severi. Roteiro: Carlos Coimbra. Fotografia: Konstantin Tkaczenko. Música: Gabriel Migliori. Montagem: Oswald Haffenrichter. Elenco: Hélio Souto, Aurora Duarte, Luigi Picchi, Vera Nunes, José Policena, Valeri Martins, Darci Cória.

Crepúsculo de Ódios: **Luigi Picchi, Aurora Duarte e Carlos Zara.**

Drama rural. É a história de dois irmãos, donos de uma usina de açúcar: um (Hélio Souto) é o bom-caráter e o outro (Luigi Picchi) é o vilão. Hélio está apaixonado por Vera Nunes, mas Luigi separa os dois. No fim, tudo acaba bem.

Carlos Coimbra trabalhava na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, quando Konstantin Tkaczenko foi buscá-lo para escrever o roteiro. Trabalhou um mês em São Paulo. Terminado o roteiro, voltou ao Rio. Meses mais tarde, foi novamente chamado, desta vez para dirigir o filme — em Araraquara, na fazenda Tamolo. Após a conclusão das filmagens, o montador Haffenrichter solicitou aos sócios da fita, Tkaczenko e Orsini, algumas tomadas adicionais. O argumentista Severi, que era também associado, realizou tomadas para passagem de tempo e duas cenas complementares de ligação. Nos créditos seu nome aparece como co-diretor. O resultado foi a obtenção de cinco prêmios Saci. Particularmente, Coimbra não gosta do filme, que considera uma obra experimental.

1957: **Dioguinho** — Produção: Sinofilmes (SP). Produtor: Michel Lebedka. Associado e fotografia (Eastmancolor): Konstantin Tkaczenko. Argumento baseado no livro de João Amoroso Netto. Roteiro: Carlos Coimbra e Konstantin Tkaczenko. Música: Gabriel Migliori. Montagem: Carlos Coimbra. Elenco: Hélio Souto, John Herbert, Norma Monteiro, Nina Golkin, José Policena, Ari Ferreira, Maria Alba.

O Santo Milagroso: **Leonardo Vilar, Dionísio Azevedo.**

A carreira criminosa de Diogo da Rocha Figueira (Hélio Souto), tal como a descreveu em livro o delegado João Amoroso Netto. Este bandido, que ensangüentou o interior de São Paulo, iniciou sua carreira de criminoso quando assassinou o homem que seduzira sua sobrinha. Seu irmão, Joãozinho (John Herbert), segue também o caminho do crime e, durante um tiroteio com a polícia, é baleado no coração. Dioguinho luta até o fim, disparando suas armas, mas é derrubado nas águas do rio Mogi Guaçu, deixando na superfície uma mancha alongada de sangue.

Primeiro longa-metragem filmado em Eastmancolor no Brasil, revelado nos Estados Unidos (**O Destino em Apuros,** em película Ansco, foi o primeiro longa-metragem colorido brasileiro). O pioneirismo custou certo sacrifício, pois a produção só contou com 15 mil metros de negativo. E, como a revelação era feita no exterior, o primeiro copião chegou ao Brasil dois meses após o término das filmagens, não tendo sido possível refilmar nenhuma cena. O resultado comercial, entretanto, foi bom, tendo batido o recorde de renda do Cine Marabá. **Dioguinho** chegou a ser vendido para os Estados Unidos.

A Morte Comanda o Cangaço: **Mílton Ribeiro, Sérgio Warnovsky.**

1959: **Crepúsculo de Ódios** — Produção: Jundiá Filmes (Jundiaí, SP). Produtor: Inocêncio Mazzuia. Argumento: Inocêncio Mazzuia e José Júlio Spiewak. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia: Hélio Coccheo. Música: Enrico Simonetti. Elenco: Aurora Duarte, Carlos Zara, Luigi Picchi, Norma Monteiro, Leo Avellar.

Crepúsculo de Ódios é uma espécie de policial sertanejo. Durante uma festa numa pequena cidade, encontram um homem morto. Carlos Zara, que está transtornado e não se lembra do que aconteceu, é acusado de ser o assassino. Como não há segurança para ele na cadeia local, Luigi Picchi é encarregado de escoltá-lo até a cidade mais próxima. Durante essa viagem, Zara retoma consciência dos fatos e Luigi — homem importante na cidade — confessa ser o assassino. Zara e Luigi lutam à beira de um penhasco, de onde Luigi cai e morre.

As filmagens foram muito tumultuadas. Os produtores — da cidade de Jundiaí —, totalmente inexperientes, não tinham o capital necessário para atender ao orçamento do filme. A equipe chegou a usar as conduções mais precárias para chegar aos locais de filmagens. O filme começou a ser feito em 1957 e só ficou pronto em 1959, chegando a ficar uns seis meses parado. O resultado final refletiu todos estes problemas. A aceitação do público foi ruim, sendo a única fita de Coimbra que não se pagou na bilheteria. Foi a primeira vez que se filmou na região das pedras entre Jundiaí e Itu, que depois se tornaria o cenário de inúmeros filmes de ação, principalmente de cangaceiros.

Cangaceiros de Lampião: **Mílton Rodrigues.**

1960: **A Morte Comanda O Cangaço** — Produção: Aurora Duarte Produções Cinematográficas (SP). Produtor: Marcello de Miranda Torres. Argumento: Walter Guimarães Motta. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): Toni Rabattoni. Música: Enrico Simonetti. Elenco: Alberto Ruschel, Aurora Duarte, Mílton Ribeiro, Ruth de Sousa, Liris Castellani, Apolo Monteiro, Edson França, José Mercaldi, Leo Avellar, Jean Laffront.

Em 1929, o cangaceiro "capitão" Silvério (Mílton Ribeiro) domina e assombra o sertão cearense. Raimundo Vieira (Alberto Ruschel), pequeno fazendeiro, tem sua família chacinada pelos homens de Silvério e sai no encalço deles em missão de vingança. No caminho, Vieira aprisiona Florinda (Aurora Duarte), moça mandada de "presente" para o cangaceiro pelo "coronel" que o apóia. Unidos, procuram o cangaceiro e, juntamente com os homens de Vieira, acuam-no em um círculo de fogo. Ao raiar do dia, Silvério e Vieira estão frente a frente. O corpo-a-corpo termina com a morte do cangaceiro e o grupo de vaqueiros regressa com o sol se erguendo no horizonte.

A Morte Comanda o Cangaço foi, na carreira de Coimbra, a primeira produção organizada em termos profissionais. Fita caríssima para a época: custou Cr$ 20 mil em 1960 (**O Pagador de Promessas,** realizado dois anos mais tarde, custou Cr$ 15 mil). Pela primeira vez, o cangaço foi filmado na caatinga nordestina, tendo por centro Quixadá, no Ceará. No meio das filmagens, estourou a represa de Orós, inundando a fazenda onde estava a equipe e fazendo com que todos abandonassem o Ceará às pressas. O trabalho de filmagem foi terminado nas pedras da região Jundiaí-Itu.

A preocupação artística do filme era mostrar pela primeira vez a cores o vaqueiro nordestino, com sua roupa de couro, sua presença humana. O resultado foi compensador, tornando-se um dos melhores trabalhos de Coimbra e credenciando-o para o filme de aventuras.

A Morte Comanda o Cangaço foi vendido para a Itália, Alemanha e França. Ganhou sete prêmios Saci. Teve muito boa recepção crítica e se situou como o recordista nacional de público em lançamento. É uma das fitas prediletas do diretor.

1963: **Lampião, Rei do Cangaço** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento: Thalma de Oliveira. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): Toni Rabattoni. Música: Gabriel Migliori. Elenco: Leonardo Vilar, Vanja Orico, Mílton Ribeiro, Dionísio Azevedo, Glória Menezes, Geraldo D'El-Rey, Roberto Ferreira, Antônio Sampaio, José Policena, Sadi Cabral, Marlene França.

As lendárias façanhas do cangaceiro Virgulino Ferreira — chamado Lampião — são aqui romanceadas. Lampião (Leonardo Vilar) e sua companheira Maria Bonita (Vanja Orico) andam à frente de um bando sanguinário que percorre as pequenas cidades do sertão brasileiro, nas décadas de 20 e 30. Policiais de sete Estados se movimentam à sua caça. Um dia, Maria Bonita é ferida em combate. Lampião fica com o ânimo abalado, temendo perde-la. Ainda sob este estado de espírito, Lampião é cercado pela polícia e não consegue dar um único tiro. Maria, que tenta socorrê-lo, é abatida também.

A Madona de Cedro: **Jofre Soares, Leonardo Vilar.**

Coimbra volta ao nordeste, desta vez filmando em Juazeiro, Santana (Bahia) e Petrolina (Pernambuco). No elenco, procura capitalizar o prestígio adquirido por Leonardo Vilar no ano anterior com a premiação de **O Pagador de Promessas** em Cannes; o de Mílton Ribeiro, protagonista de **O Cangaceiro,** filme conhecido em todo o mundo; e Vanja Orico, que, ao lado de Milton, já fizera uma estilização de Maria Bonita no famoso filme de Lima Barreto.

Coimbra e Thalma de Oliveira estiveram no Nordeste um ano antes de filmar. Entrevistaram antigos cangaceiros, soldados, coiteiros e os pais de Maria Bonita. Como organização, foi uma superprodução (65 mil cruzeiros). Ainda que o argumento tenha resultado um tanto falho, por suas características biográficas, tem a importância da pesquisa e a veracidade da filmagem no próprio palco dos acontecimentos reais.

O filme estabeleceu novo recorde nacional no lançamento e foi vendido para a Itália, o Japão e a Alemanha (sendo exibido dublado em inglês e com os nomes dos artistas trocados: Geraldo D'El Rey virou John Del Rex; Glória Menezes foi Glória Manes e o próprio Coimbra virou Carl Coimbert.

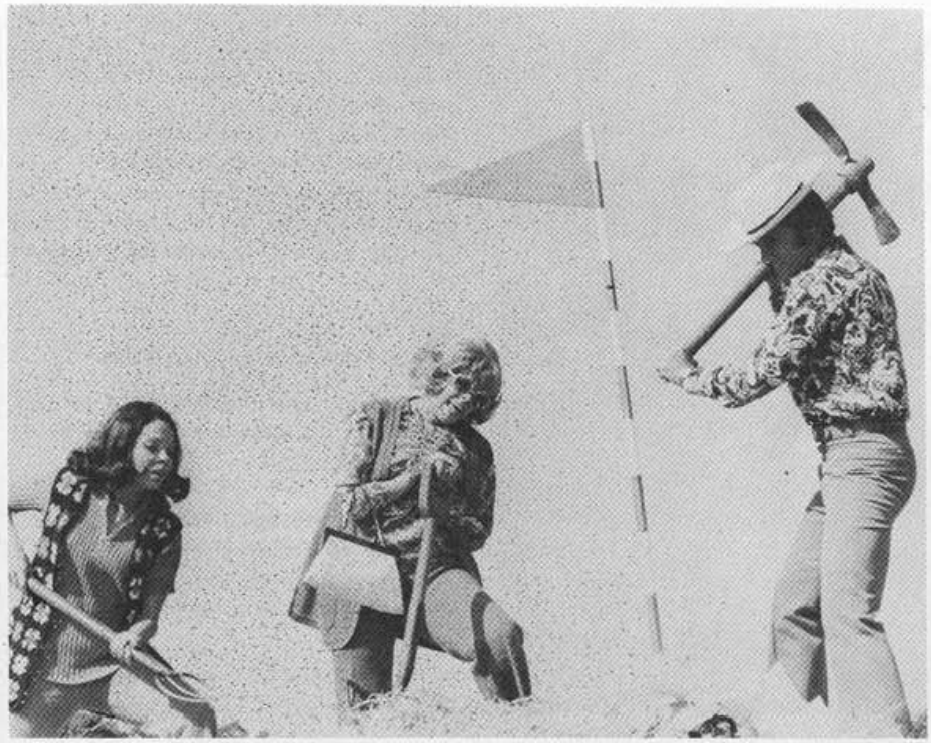
1965: **O Santo Milagroso** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento: Lauro César Muniz. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia: Konstantin Tkaczenko. Música: Gabriel Migliori. Elenco: Leonardo Vilar, Dionísio Azevedo, Vanja Orico, Geraldo D'El-Rey, Geraldo Gamboa, David Neto, Roberto Ferreira, Aluizio de Castro, Percy Ayres.

Teresinha (Vanja Orico), irmã do pastor protestante Raimundo (Leonardo Vilar), apaixona-se pelo sacristão Dito (Geraldo D'El-Rey). Como o pastor se opõe ao namoro, o sacristão passa a se comunicar com Teresinha através do sino da igreja da pequena cidade, causando encrencas para o padre José (Dionísio Azevedo). O sacristão vai buscar ajuda num terreiro de macumba e acaba inventando um santo milagroso, que atrai as atenções do bispo (Geraldo Gamboa).

Uma experiência nova na carreira de Coimbra: a comédia satírica. O cineasta diz que sempre gostou dos desafios e resolveu dirigir **O Santo Milagroso.** Considera o resultado bom, pois a fita ficou divertida e teve sucesso, embora com crítica apenas razoável.

1967: **Cangaceiros de Lampião** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento, roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): Toni Rabattoni. Música: Gabriel Migliori. Elenco: Milton Rodrigues, Vanja Orico, Mílton Ribeiro, Jacqueline Myrna, Maurício do Valle, Antônio Pitanga.

Na madrugada de 23 de julho de 1938, forças policiais de sete Estados nordestinos atacam Lampião e seu bando, matando o cangaceiro e Maria Bonita. Entre os que conseguem escapar está Moita Brava (Mílton Ribeiro), que passa a chefiar os remanescentes do bando. Pedro Boiadeiro (Mílton Rodri-



Se Meu Dólar Falasse...: **Dercy Gonçalves.**

gues) e Rosinha (Jacqueline Myrna), recém-casados estão se dirigindo à casa da fazenda, quando deparam com o bando. A moça é violentada na frente do noivo, que logo partirá em missão de vingança. A ele se alia Mariana (Vanja Orico), mulher decidida e também vítima dos cangaceiros. Antes de encontrar o bando, Pedro Boiadeiro enfrenta e vence em luta sangrenta outro cangaceiro, Carcará (Maurício do Valle), que mantém dominada pelo terror a população de uma cidade. Finalmente Pedro e Moita Brava estão frente a frente, com seus rifles e um pente de balas para cada um. Pedro mata o cangaceiro e regressa com Mariana.

Tentativa de Coimbra de fazer o gênero cangaço com herói. No caso, o herói não é cangaceiro, mas um vaqueiro nordestino. E a tônica do filme é a aventura no estilo "western", aproveitando o prestígio popular de três intérpretes já consagrados no gênero: Milton Ribeiro, Vanja e Maurício (a revelação de **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, 1964).

Desta vez, as filmagens se realizaram inteiramente no interior de São Paulo (em Itu, Cabreúva e Bonfim), numa região então consagrada como semelhante ao Nordeste brasileiro, com suas enormes pedras e seus mandacarus. Pela primeira vez Coimbra criou um tema musical para o filme. Foi bom o resultado comercial do filme, mas não a recepção crítica.

Corisco, o Diabo Loiro: **Paula Ramos, Tony Vieira, Leila Diniz, Maurício do Vale.**

1968: **A Madona de Cedro** — Co-produção: Cinedistri e Metro Goldwym Mayer do Brasil (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento: Antônio Callado. Roteiro: Sanin Cherques e Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): George Pfister. Música: Gabriel Migliori. Montagem: Carlos Coimbra. Elenco: Leonardo Vilar, Leila Diniz, Anselmo Duarte, Sérgio Cardoso, Cleyde Yaconis, Jofre Soares, Ziembinski, Leonor Navarro, Américo Taricano.

Delfino Montiel (Leonardo Vilar), pacato morador de Congonhas do Campo, é induzido por seu amigo de infância, Adriano Mourão (Anselmo Duarte), a roubar a imagem da Madona de Cedro, esculpida pelo Aleijadinho em 1787, peça de valor incalculável. Tentado pelo dinheiro, esperando casar com Marta (Leila Diniz), Delfino rouba a imagem. Enquanto o remorso o abate, a quadrilha descobre que a imagem é falsa, devolvendo-a à igreja e levando, com isto, o povo a acreditar num milagre. Como penitência, Delfino deixa-se crucificar na tradicional procissão de Congonhas.

Mais uma superprodução na carreira de Coimbra. Ele tenta levar para a tela o romance de Antônio Callado com uma preocupação de linguagem cinematográfica moderna, realizando tomadas longas e elaboradas. O diretor considera **A Madona de Cedro** o seu melhor trabalho de direção até a data, julgando-o maduro e seguro. O público e a crítica não acharam o mesmo, apesar do colorido e do extenso elenco de nomes famosos do cinema, da televisão e do teatro, que foi possível graças à co-produção com a Metro brasileira.

1969: **Corisco, o Diabo Loiro** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Anibal Massaini Netto. Argumento, roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): Oswaldo de Oliveira. Música: Gabriel Migliori. Elenco: Maurício do Valle, Leila Diniz, Maracy Mello, Antônio Pitanga, Tony Vieira, Jofre Soares, Roberto Ferreira, Laura Cardoso, Dionísio Azevedo, John Herbert, Georgia Gomide, Milton Ribeiro.

Corisco (Maurício do Valle) e Dadá (Leila Diniz) têm a missão de vingar seu antigo chefe Lampião (Milton Ribeiro), morto pela polícia em Angicos. Durante 13 anos, Corisco e Dadá — como antes Lampião e Maria Bonita — viveram pelo sertão nordestino, atacando a polícia, mas sendo afinal vencidos.

Mais uma vez utilizando os cenários naturais de Itu, Coimbra dirige uma produção mais modesta, de objetivos puramente comerciais. Mas teve o cuidado de trazer a São Paulo, como conselheira histórica do filme, a própria Dadá (Sergia da Silva Chagas). A ex-mulher de Corisco executou os objetos de uso dos cangaceiros, os colares e os chapéus.

1970: **Se Meu Dólar Falasse** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento: Alexandre Pires e Carlos Coimbra. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (Eastmancolor): Pio Zamuner. Música: Carlos Castilho. Elenco: Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Borges de Barros, Zilda Cardoso, Milton Ribeiro, Manoel Vieira, Zélia Hoffman, Roberto Ferreira, Sadi Cabral, David Cardoso.

Independência ou Morte: **Tarcísio Meira.**

Bisisica (Dercy Gonçalves) joga distraidamente no lixo um pacote com 15 mil dólares pertencentes a uma quadrilha. O dinheiro é achado por Tisiu (Grande Otelo) e outros catadores de lixo (Borges de Barros, Zilda Cardoso, Sadi Cabral e Roberto Ferreira), que vão trocar o estranho dinheiro por cruzeiros no bar do português (Manoel Vieira). Isto lhes permite colocar até televisão em suas malocas. Mas a quadrilha, chefiada por Madame Veruska (Zélia Hoffman), trata de recuperar os dólares, que são também o objetivo de um detetive malandro (Milton Ribeiro). Tudo termina numa perseguição pela via Anhangüera, até o aeroporto de Viracopos.

Experiência desastrosa na carreira de Coimbra, na sua volta à comédia. Foi uma tentativa de reunir dois cômicos em grande evidência (Dercy e Otelo), com o objetivo de fazer um espetáculo "censura livre", num momento em que havia carência de fitas desse tipo. A história ficou um pouco séria demais para as crianças. Resultou uma fita híbrida e frustrada.

1972: **Independência Ou Morte** — Produção: Cinedistri (SP). Produtor: Oswaldo Massaini. Argumento: Abílio Pereira de Almeida. Adaptação cinematográfica: Anselmo Duarte, Carlos Coimbra, Dionísio Azevedo e Lauro César Muniz. Roteiro e montagem: Carlos Coimbra. Fotografia (em Eastmancolor): Rudolf Icsey. Direção de Arte: Campello Neto. Música: Chico Morais e Wilson Miranda. Elenco: Tarcísio Meira, Glória Menezes, Dionísio. Azevedo, Kate Hansen, Emiliano Queiroz, José Lewgoy, Francisco Di Franco, Manoel de Nóbrega, Sérgio Hingst, Renato Restier, Labanca, Abílio Pereira de Almeida, Carlos Imperial, Flora Geny, Antônio Patiño, Carlos Miranda, Edson França, Jairo Arco e Flexa, Macedo Neto, Clóvis Bornay, Manoel Vieira, Vanja Orico, Rodolfo Arena, Milton Vilar, Victor Merinow, Roberto Ferreira, Lola Brah, Tarcísio Meira Jr.

Dom João VI (Manoel de Nóbrega) e Dona Carlota Joaquina (Heloísa Helena) regressam a Portugal, deixando seu filho, Dom Pedro I (Tarcísio Meira), no trono do Brasil. Ele se casa com Dona Maria Leopoldina (Kate Hansen), mas em seguida se apaixona pela futura Marquesa de Santos (Glória Menezes). Em sua paixão pela Marquesa, enfrenta a oposição do Ministro José Bonifácio (Dionísio Azevedo) e da Corte. Os fatos políticos evoluem de forma a induzir Dom Pedro a proclamar a Independência do Brasil.

Coimbra dá aos fatos da história brasileira uma digna montagem, num filme ágil que prende o espectador sem dificuldade. Foi outro desafio que ele teve de vencer, não só pelo vulto e a responsabilidade da tarefa, como pelo prazo exíguo de realização. O cinema brasileiro não tem tradição no gênero histórico, e por isto, todas as roupas e o material de cena, tiveram de ser executados especialmente. São raras as construções da época em condições de serem aproveitadas. Outro fator que pôs à prova a fibra da equipe foi a data fixada para o lançamento: a Semana da Pátria, com as comemorações do Sesquicentenário da Independência.

Para Coimbra o grande mérito do filme foi conquistar até faixas de público que não costumam ver os filmes brasileiros.

Outras funções em outros filmes

1951: **Luzes nas Sombras,** de Carlos Ortiz — Assistente de direção e de montagem

1956: **Padroeira do Brasil** (ou **Cavalgada da Esperança),** de Heládio Fagundes — Roteiro (com Moyses Gurovitz) e montagem

1958: **Fronteiras do Inferno,** de Walter Hugo Khouri — Montagem

1959: **Rastros na Selva,** de Mario Civelli — Montagem

1960: **Bruma Seca,** de Mario Civelli — — Roteiro

1961: **A Moça do Quadro 13,** de Richard Cunha — Montagem

1962: **O Pagador de Promessas,** de Anselmo Duarte — Montagem

1971: **Idílio Proibido,** de Konstantin Tkaczenko — Montagem

1972: **Ana Terra,** de Durval Garcia — Montagem
A Marcha, de Oswaldo Sampaio — Montagem

Prêmios

1955: "Saci", do Jornal "O Estado de São Paulo", pela direção de **Armas da Vingança**

1960: "Saci", pelo roteiro de **A Morte Comanda o Cangaço**
"Prefeitura Municipal de São Paulo", pela direção e pela montagem de **A Morte Comanda o Cangaço**

1962: "Governador", pela montagem de **O Pagador de Promessas**
"Prefeitura de São Paulo", pela montagem de **O Pagador de Promessas**